

# **BULLYING: PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM SOBRE ESTE TIPO DE VIOLÊNCIA**

Daiana de Paula Couto (UNIFAE)

daianacouto@gmail.com

Marcella Cristiane da Cunha Ribeiro (UNIFAE)

Marina Antunes Pinto Catunda (UNIFAE)

Betânia Alves Veiga Dell' Agli (UNIFAE)

Centro de Atenção à Aprendizagem e ao Comportamento Infantil Casulo

Conflitos interpessoais na instituição educativa: fatores, complexidade, diversidade e manifestações como indisciplina, bullying, violência ou incivilidade

Grande parte das crianças com dificuldades de aprendizagem vivenciam, por sua própria condição e pela ineficácia do sistema educação, situações de exclusão que podem interferir nas relações interpessoais. O estudo teve como objetivo investigar a percepção de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem quanto ao bullying na perspectiva do espectador, alvo e autor. Participaram do estudo 30 escolares, com idade variando de 7 a 14 anos que frequentam um centro especializado no atendimento de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Foi utilizado um questionário subdividido em espectador, alvo e autor de bullying. Os resultados não permitiram afirmar que escolares com dificuldade de aprendizagem são alvo e autores de bullying, mas nos permitem alertar para a existência dessa violência entre alguns deles, podendo inclusive ser um fator que influencia negativamente a própria aprendizagem.

**Palavras-chave:** dificuldades de aprendizagem; relações interpessoais; bullying;

## **INTRODUÇÃO**

No dia-a-dia não é raro escutarmos nos telejornais notícias de agressões contra colegas, contra professores e até mesmo contra a estrutura física da escola. Os atos agressivos causam indignação em quem vê e escuta, e medo, terror, sentimento de desamparo, revolta em quem a vivencia. No entanto, não existe apenas esta forma deliberada de violência ou agressão. A agressão pode não ser tão evidente e aparente, mas pode se manifestar de forma sutil nas

relações. No entanto, não é menos devastadora do que a outra, ao contrário, gera sentimentos dolorosos interferindo na estima de si. Esta forma de agressão tem sido estudada e foi denominada de bullying.

Segundo Fante (2005), o bullying tornou-se um problema mundial, encontrado em todas as escolas. Embora largamente disseminado nos últimos anos, só agora vem sendo estudado no Brasil. A prevalência mundial do fenômeno gira em torno de 5% a 35%, enquanto que em nosso país encontrou-se um índice de 49%. Desses, 22% figuravam como “vítimas”, 15% como “agressores” e 12% como “vítimas-agressoras”.

A partir desses dados, podemos inferir que esse tipo de agressão é comum em nosso meio, devendo ser objeto de estudo tanto no que se refere à sua definição como também no que se refere à elaboração de propostas de intervenção, quer de caráter preventivo, quer remediativo. Isso porque o bullying interfere na vida da pessoa naquilo que é de suma importância: na estima de si e em consequência na formação da personalidade.

Em resposta à necessidade de caracterizar esse tipo peculiar de violência ou agressão entre pares é que surge o conceito bullying, utilizado pela primeira vez por Dan Olweus que o definiu como uma subcategoria bem delimitada de agressão, cuja característica principal é a repetitividade e assimetria de forças com intenção de causar dano físico ou moral (BANDEIRA & HUTZ, 2010).

Mesmo não se tratando de um fenômeno novo, nas últimas décadas tem sido alvo dos olhares da sociedade dada às consequências devastadoras, como a possibilidade de causar traumas psíquicos (NEME et al, 2008).

Antunes e Zuin (2008) explicam que o bullying emerge com ações discriminatórias e práticas frequentes de violência no cotidiano escolar principalmente entre adolescentes, traduzindo-se como uma forma de exclusão social capaz de intimidar, ridicularizar, oprimir e machucar moralmente, de forma camuflada.

Para Fante (2005), bullying é um conceito específico e muito bem definido, não podendo ser confundido com outras formas de violência porque apresenta características próprias e peculiares dentre elas, e talvez a mais grave, a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos.

Desta forma, Tognetta e Vinha (2008) acreditam que o fenômeno bullying envolve manifestações agressivas através de atos negativos em direção aos pares. Estas ações negativas podem ser psicológicas, sociais, físicas ou verbais, normalmente combinadas entre si, o que as tornam mais prejudiciais.

Existem três tipos de envolvidos em uma violência moral, sendo eles o espectador, a vítima e o agressor. Como a terminologia atual é divergente, optamos por adotar espectador, alvo e autor, respectivamente. O espectador é aquele que presencia em seu dia-a-dia as situações de bullying tornando-o inseguro e temeroso. Tem receio de se tornar alvo e por este motivo se cala, não revelando aos adultos ou responsáveis suas impressões. A mesma atitude é adotada quando, em tentativas anteriores de expor os fatos, foi ignorado (TOGNETTA; VINHA, 2008).

O alvo por sua vez é aquele que apresenta características de fragilidade, sendo frequentemente ameaçado, intimidado, isolado, ofendido, discriminado, agredido, recebe apelidos e provocações, tem seus objetos pessoais furtados ou quebrados/estragados. Seus sentimentos geralmente são de medo ou receio de ir à escola, de depressão, de ansiedade. As características de fragilidade podem ser o tipo físico ou o comportamento. O alvo apresenta reações diferentes diante das intimidações podendo ser fortes na tentativa de impor seus desejos, mas acabam por se isolarem a fim de evitar que continue sofrendo agressões ou se isolam em seu retraimento, timidez e melancolia (TOGNETTA; VINHA, 2008).

O autor, segundo as autoras, apresenta um comportamento de intimidação e de provocação permanente. Acredita que as pessoas a sua volta de-

vem atender seus desejos de imediato e demonstra dificuldade de colocar-se no lugar do outro. Alvo e autor apresentam dificuldade de relacionamento, são inseguros e sentem pressão em algum momento.

Ao pensarmos nesses tipos de envolvidos no bullying uma questão se coloca: o que leva as crianças e adolescentes a agirem de forma agressiva? A culpa será que se encontra na família desestruturada? Na posição social? Na índole maldosa e agressiva de certos indivíduos?

Fante (2005) aponta para a falta de um motivo aparente para tais atitudes agressivas adotadas por um ou mais alunos, contra outros e salienta que o ambiente escolar é o local de maior incidência deste fenômeno por possibilitar maior interação entre crianças e adolescentes e as primeiras relações socializadoras fora do ambiente familiar.

Tognetta e Vinha (2008) afirmam que não apenas o contexto, muito menos fatores genéticos os únicos responsáveis pelas crianças e adolescentes assumirem papéis de alvo ou de autores, mas sim como se vêem e constroem sua personalidade. A maneira como as crianças formam sua auto-imagem e querem ser vistos pelos outros tem uma forte ligação com os valores familiares socialmente aprendidos e, apoiadas pelas ideias de Piaget e Perron, explicam que a identidade é composta por estes valores. Desta forma, na busca de uma auto-afirmação e diante de um público que afirmem esta boa imagem são criados os autores de bullying.

Segundo as autoras, os relacionamentos com pares, professores, pais e outros adultos, determinará a conduta de alvos ou autores de bullying, dependendo de como se vêem em suas experiências com os mesmos. Uma auto-imagem diminuída perante os outros pode levar o “alvo” a um julgamento de si com pouco valor. No caso dos autores, levar os outros se sentirem tão mal quanto eles próprios se sentem (inferiores e menosprezados), na tentativa de diminuir o peso que carregam consigo. Além disso, tal como citado anteriormente, os autores de bullying ainda têm uma dificuldade psicológica de se

descentrarem, ou seja, se colocar no lugar do outro. O espectador por sua vez se diferencia dos demais pelo grau de ação ou omissão. Para que aja uma ação de justiça destes espectadores seria necessário um sentimento de indignação, um sensibilizar-se pelo sentimento do outro (TOGNETTA; VINHA, 2008).

Ao apresentarmos o tema a ser pesquisado possibilita-nos uma tomada de consciência da gravidade do problema bullying. Interferir na construção da personalidade do indivíduo leva-nos de imediato à responsabilidade que devemos ter e quem trabalha com a saúde mental e sua interface com a educação não pode negligenciar tal aspecto. A Psicologia como ciência que estuda, investiga e propõe elaboração de soluções não pode se eximir desta responsabilidade e em um primeiro momento deve conhecer o fenômeno em sua realidade.

Problema frequente e não menos grave nas escolas de nosso país, são as crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. Muitas delas vivenciam, por sua própria condição e pela ineficácia do sistema educacional, situações de exclusão que podem interferir nas relações interpessoais. Assim a questão que norteou o presente estudo pode ser assim definida: Como crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem percebem situações que caracterizam bullying? Investigar esta questão numa população específica faz-se necessária, visto que a prática com essas crianças tem mostrado que elas vivenciam momentos difíceis no contexto escolar, embora não conhecemos a sua real percepção sobre o assunto porque são momentos muitas vezes relatados por seus familiares e professores.

Lemos (2010) afirma que o bullying é considerado um dos atuais causadores de dificuldades de aprendizagem e justifica que tal problema é capaz de desarmonizar as dimensões cognitivas, simbólica, orgânica e corporal.

O presente estudo tem como objetivo investigar a percepção de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem quanto ao bullying na perspectiva do espectador, alvo e autor.

## MÉTODO

Participaram do estudo 30 escolares, sendo 18 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, com idade variando de 7 a 14 anos (Média 10,69 e DP 1,68) que frequentam um centro especializado no atendimento de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Dos 30 participantes 4 estudam em escola particular e 26 em escolas públicas do 2º ao 8º ano do Ensino Fundamental I e II.

### *Instrumento*

Foi elaborado com questionário subdividido em espectador, alvo e autor de bullying contendo 12 questões em cada subdivisão, cujas respostas foram organizadas numa Escala Likert de 3 pontos: *sempre*, *às vezes* ou *nunca*. Ao final, questionava-se às crianças sobre os sentimentos, o porquê das ações, formas de resolver o problema e as sanções possíveis (Anexo).

### *Procedimento*

Após o cumprimento das exigências éticas preconizadas em pesquisas com seres humanos as pesquisadoras agendaram as entrevistas individualmente que tiveram duração média de 20 minutos e todas foram gravadas. As respostas às questões finais de cada subdivisão (espectador, alvo e autor) foram transcritas na íntegra.

As respostas à Escala Likert foram organizadas no programa estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences, versão 14.0) e foi realizada análise de frequência o que permitiu a comparação entre espectador, alvo e autor em cada questão. As respostas às questões abertas foram inicialmente categorizadas e em seguida receberam o mesmo tratamento estatístico.

As categorias elaboradas foram as seguintes:

Para as questões que envolvem a identificação de sentimentos dos colegas, dele mesmo como possível alvo e autor, foi possível identificar duas categorias:

1. Sentimentos negativos: refere-se a sentimentos que expressam desagrado como “magoado”, “mal”, “triste”, “humilhado”, “nervoso”, “bravo”.
2. Ausência de nomeação de sentimentos: refere-se à incapacidade de nomear qualquer sentimento como “não sei”.

Para as questões que envolvem o porquê da ação dos colegas com outros colegas e consigo mesmo e sobre sua própria ação pode-se elaborar três categorias:

1. Justificativa com referência às relações interpessoais: são respostas que mencionaram “são chatos”, “é só brincadeira”, “não tem respeito”, “fofoca”, “eles gostam”.
2. Justificativa com referência a si próprio: são respostas que mencionaram “eu provoquei”, “fizera comigo”.
3. Ausência de justificativa: refere-se à ausência de justificativa como “não sei”.

No que se refere à forma de resolver a situação duas categorias foram elaboradas:

1. Dependência: respostas que envolviam solicitar a ajuda de outro como “falar para a diretora” e “falar para a professora”.
2. Independência: respostas que envolviam soluções da própria criança como “pedir desculpas”, “conversar”.

Por fim a questão que se referia às consequências das ações dos colegas e de suas próprias foi elaborada duas categorias:

1. Sanção expiatória: respostas cujas consequências foram arbitrarias, sem relação com a ação como “ser expulso da escola”, “acontecer a mesma

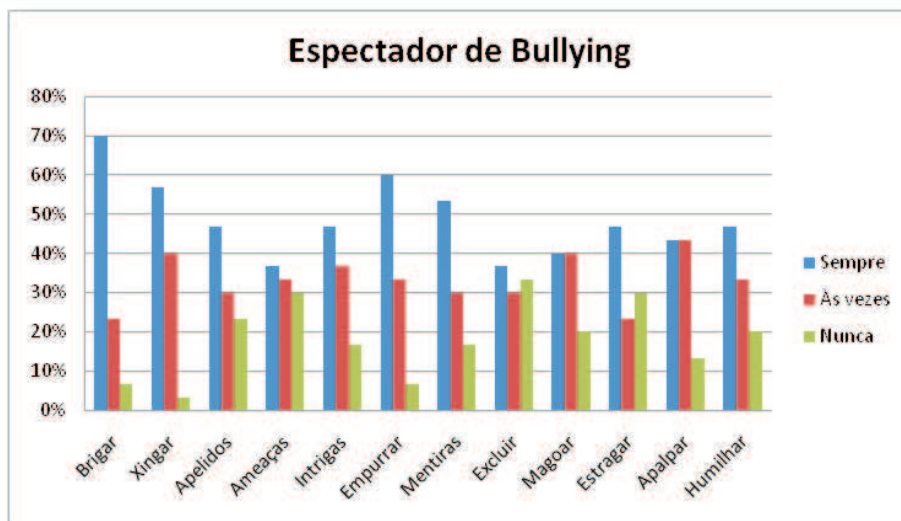
coisa”, “apanhar também”, “tomar advertência”. Vale dizer que consideramos “acontecer a mesma coisa” e “apanhar também” como sanção expiatória porque na situação de violência esta não implicaria numa reciprocidade.

2. Ausência de consequências ou referência a inexistência do acontecimento consigo mesmo: respostas que denotava qualquer ausência de consequências como “não sei”, “nada”, “nunca aconteceu comigo”.

Em seguida, serão apresentados os resultados do estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A percepção dos participantes quanto ao “espectador de bullying” foram organizadas comparativamente conforme o Gráfico 1 a seguir:



**Gráfico 1** – Percepção sobre espectador de bullying.

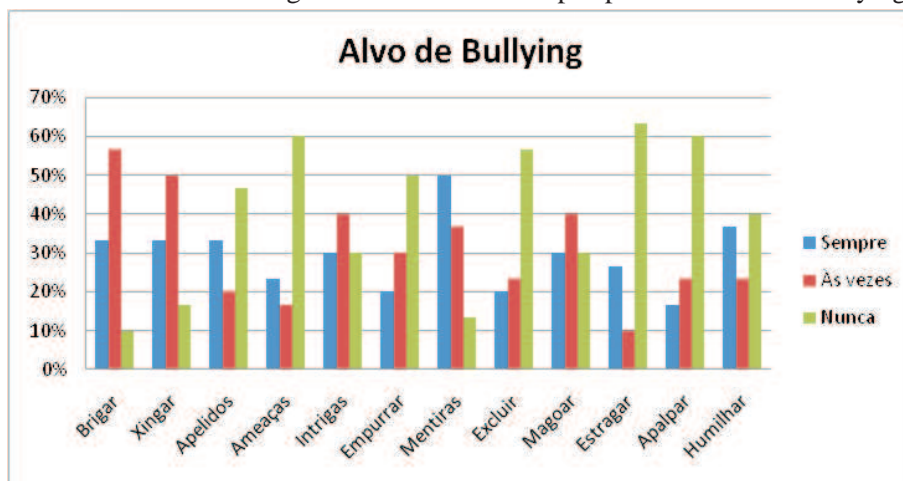
Analisando o gráfico acima que se refere ao espectador de bullying, verificamos que mais de 50% dos participantes responderam que *sempre* acontecem brigas na escola (70%), xingamentos (56%), empurrões (60%) e contar



mentiras (53%). Se somarmos a estas respostas os que responderam *às vezes* esse percentual aumenta consideravelmente. Interessante notar que colocar apelidos, conduta tão frequente entre as crianças, embora significativo (46%), não apareceu como uma conduta observada pela maioria dos participantes como ocorrendo *sempre*. No mesmo sentido, verifica-se as ameaças (36%), intrigas (46%), exclusão (36%), magoar os colegas (40%), estragar objetos do outro (46%), apalpar (43%) e humilhar (46%).

Refletindo sobre esses dados, podemos levantar a hipótese de que brigas, xingamentos, empurrões são ações manifestas, enquanto ameaças, intrigas, exclusão podem ser mais sutis e nesse sentido mais difíceis de serem observadas. Outra hipótese é o valor, ou seja, o que é mais importante para as crianças. Elas podem avaliar as condutas dos colegas como sendo mais ou menos graves.

Analisemos a seguir os mesmos itens na perspectiva do alvo de bullying.

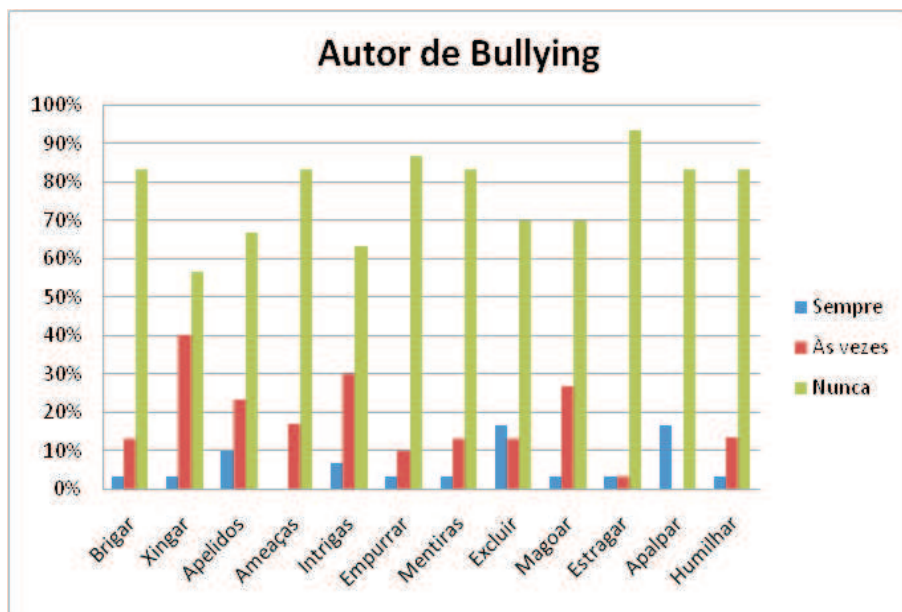


**Gráfico 2** – Percepção sobre alvo de bullying.

Os resultados do Gráfico 2, apontam algumas diferenças dos anteriores. Sobre o brigar e xingar, a maioria (igual ou acima de 50%) dos participantes disseram que *às vezes*. Além disso, o percentual foi menor que o espectador o que nos leva a pensar que as crianças pesquisadas observam situações

de brigas, mas muitas delas não ocorrem com elas próprias. Contar mentiras sobre elas apareceu como ocorrendo *sempre* e *às vezes* que somados atinge 86% dos participantes, corroborando com os achados anteriores (espectador). Tais dados sugerem que a mentira é uma conduta importante entre as crianças, ou seja, valorizadas. Talvez isso se deva pelas consequências que a mentira traz: romper o vínculo existente na relação entre pares (PIAGET, 1994). Resultados interessantes foram quanto às ameaças, empurrões, exclusão, estragar objetos seus e apalpar. A maioria (igual ou acima de 50%) disseram que *nunca* vivenciaram estas situações. Os apelidos também apareceram como *nunca* (47%), mas somando os que responderam *sempre* e *às vezes* esse percentual torna-se significativo (53%). Percebe-se que colocar apelidos de fato é uma prática entre as crianças. O cuidado é quanto à sua natureza, ou seja, se são apelidos pejorativos e que ferem o outro.

Por fim, analisaremos a percepção dos participantes como autores de bullying.



**Gráfico 3** – Percepção sobre autor de bullying.

Verificamos no Gráfico 3 dados muito interessantes. Os participantes não se percebem como autores de bullying. Em todas as ações investigadas, a maioria (acima de 50%) respondeu que *nunca* brigam, xingam, colocam apelidos, ameaças, fazem intrigas, empurram, contam mentiras, excluem ou magoam, estragam algo do outro, apalparam e humilham. Tais respostas podem de fato refletir a realidade, mas devemos também ficar atentos porque elas podem apontar para a desejabilidade social. Embora não tenha sido nosso objetivo investigar a ocorrência ou não de agressão por parte dos participantes, por conhecermos a história de vida dessas crianças, nos permite levantar a hipótese de desejabilidade social, mas não de todos. A partir disso, podemos pensar em qual imagem que estas crianças querem que o outro tenha de si ou ainda para algumas delas, podemos pensar que são imagens “distorcidas” uma vez que não tem uma percepção real de suas condutas. Outras, no entanto, apresentam imagens de si condizentes com elas.

No que se refere às questões apresentadas depois de cada subdivisão, encontramos os seguintes resultados. Sobre os sentimentos, encontramos predominância de “sentimentos negativos” quanto ao espectador (80%), alvo (100%) e autor (86%). Quanto às justificativas, predominou a que envolve “relações interpessoais”, sendo que as justificativas do espectador foram de 43%, do alvo de 53% e do autor de 46%. Passando para as formas de resolver o problema não houve predominância de “independência” ou “dependência” em todas as perspectivas, ou seja, no espectador predominou soluções independentes (70%), no alvo soluções dependentes (70%) e no autor soluções tanto independentes como dependentes. Por fim temos as consequências e nessa predominou “sanção expiatória” na perspectiva do espectador e alvo (59%) e autor (46%). Apenas na perspectiva do alvo 40% responderam que “não” ou “nada”, ou seja, que nenhuma consequência deveria ter para quem praticasse violência com relação a ele.

Muitas das respostas encontradas eram esperadas, ou melhor, era esperado que predominasse sentimentos negativos diante da situação apresenta-

da e também que predominasse a sanção expiatória até mesmo pelo tipo de educação que as crianças vivenciam no ambiente escolar e familiar. Sobre as justificativas a predominância das que envolvem relações interpessoais evidencia que a vivência entre as crianças são permeadas por conflitos e eles se pautam em grande parte nas características das crianças como “ser chato” ou na forma de ação como “fofoca” e “mentira”. Sobre a independência e dependência, vale dizer que elas poderiam estar relacionadas à autonomia e heteronomia, respectivamente, mas tivemos o cuidado de não confundir com o conceito de autonomia piagetiano que implica em um autogoverno, em uma reciprocidade nas relações. Pelo conteúdo das respostas dos participantes podemos inferir que elas estão no sentido de medo, receio de falar ao professor e até mesmo uma conduta submissa. Portanto, acreditamos que são ações pautadas na heteronomia, visto que a referência à autoridade adulta está presente.

Assim, encerramos a apresentação dos resultados constatando que há diferenças quanto à percepção dos participantes quanto espectador, alvo e autor de bullying.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As crianças que vivenciam dificuldades de aprendizagem apresentam uma condição de difícil adaptação às exigências escolares, sendo mais suscetíveis à situações de exclusão. Verificamos que as crianças e adolescentes percebem que situações de violência acontecem na escola, mas são poucas que se veem como alvo e um número bem menor como autores de bullying.

No entanto, quando se fala desse tipo de violência escolar, os dados da amostra devem ser relativizados, uma vez que se apenas uma criança estiver vivenciando esta situação na escola deve ter total atenção por parte dos educadores. É justamente isso que nossos dados revelaram: existem crianças que sofrem algum tipo de violência e esta não pode ser negligenciada.

No geral, nossos dados não permitem afirmar que escolares com dificuldade de aprendizagem são alvo e autores de bullying, mas nos permitem alertar para a existência dessa violência entre alguns deles, podendo inclusive ser um fator que influencia negativamente na própria aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**. 20(1), 2008. pp. 33-42.

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**. 14(1), 2010, pp. 131-138.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

LEMOS, A. C. M. Uma visão psicopedagógica do *bullying* escolar. **Revista Psicopedagogia**. 24(73), 2007, pp. 68-75.

NEME, C. M. B.; et al. Fenômeno bullying: análise de pesquisas em Psicologia publicadas no período de 2000 a 2006. **Pediatria Moderna**. 44(5), 2008, pp. 200-204.

PIAGET, J. O juízo moral na criança. São Paulo: Summus, 1994.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Estamos em conflito: eu, comigo e com você! Uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In. CUNHA, J. L.; DANI, S. C. (org). **Escola, conflitos e violência**. pp. 199-246. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008.

## ANEXO

### ENTREVISTA SOBRE BULLYING

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ D/N: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Escola: \_\_\_\_\_

#### ESPECTADOR

Vou falar algumas frases que significam ações. Quero que você me diga se você já viu acontecer isto que eu vou te falar em sua escola entre seus os colegas nos últimos dois meses. Você deve me dizer se elas acontecem “sempre”, “às vezes” ou “nunca”. Se você não souber o que significa alguma palavra, pode me perguntar:

Questão	Sempre	Às vezes	Nunca
Briga na escola			
Xingar os colegas			
Colocar apelidos			
Fazer ameaças			
Empurrar o colega			
Fazer intrigas/fofocas			
Contar mentiras			
Excluir algum colega do grupo ou brincadeira			
Magoar algum colega			
Estragar objetos do colega			
Apalpar algum colega			
Humilhar algum colega (feio, narigudo, gordo)			

Diga-me como você acha que seus colegas se sentiram quando lhes aconteceu isto? Por que eles agem assim com seus colegas? Como você acha que eles deveriam resolver a situação? Deveria lhes acontecer algo de ruim? O que seria?

#### ALVO

Agora quero saber se alguém fez isto com você e com qual frequência nos últimos dois meses “sempre”, “às vezes” ou “nunca”:

Questão	Sempre	Às vezes	Nunca
Brigou com você			
Xingou você			
Colocou apelidos em você			
Te ameaçou			
Te empurrou (na fila, no recreio, na sala)			
Fez intrigas/fofocas sobre você			
Contar mentiras sobre você			
Excluiu você do grupo ou da brincadeira			
Magoou-te			
Estragou seus objetos			
Apalpou você			
Humilhou você (feio, narigudo, gordo, pobre)			

Diga-me como você se sentiu quando lhe aconteceu isto? Por que eles agiram assim com você? O que você fez quando isto lhe aconteceu? Deveria lhes acontecer algo de ruim? O que seria?

## AUTOR

Agora quero que me fale mais sobre o que você fez na escola nos últimos dois meses.

Questão	Sempre	Às vezes	Nunca
Bateu nos colegas			
Xingou os colegas			
Colocou apelidos em seus colegas?			
Fez ameaças aos seus colegas?			
Empurrou seus colegas (fila, recreio, sala)			
Fez intrigas/fofocas sobre seus colegas?			
Contar mentiras de seus colegas			
Excluiu algum colega do grupo ou da brincadeira			
Magoou algum colega?			
Estragou algum objeto de seus colegas?			
Apalpou algum colega?			
Humilhou algum colega (feio, narigudo, gordo)			

Diga-me como você acha que seus colegas se sentiram quando agiu assim? O que te levou a fazer isto? O que você acha que deve te acontecer quando age desta forma? Deveria lhe acontecer algo de ruim? O que seria?